

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte JESP Class.: 295  
 Data 26/10/79 Pg.: \_\_\_\_\_

## Diretor do DNER será o novo presidente da Funai

### Na Transamazônica, a única experiência

*Ex-chefe do I Distrito Rodoviário, com sede em Manaus, o próximo presidente da Funai teve apenas uma experiência na vida profissional com os índios: fez o papel de diplomata, servindo como intermediário entre os responsáveis pela construção da Transamazônica e as tribos que teriam suas áreas invadidas pelos tratores e máquinas rodoviárias.*

*Ministro de Juiz de Fora, Adhemar Ribeiro da Silva formou-se em engenharia rodoviária em 1949 e passou a trabalhar no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, chegando ao cargo de diretor-geral que hoje ocupa no governo Geisel. Os cargos fora de sua especialidade profissional, porém, não são novidade para Adhemar Ribeiro da Silva: no governo de Minas Gerais, já exerceu a direção da Hidrominas e da Companhia Estadual de Telecomunicações.*

*Na direção do DNER, enfrentou um dos períodos mais difíceis do órgão, numa época de verbas escassas, de acúmulo de dívidas com os empreiteiros e organismos estaduais, após uma fase marcada pela abertura de grandes estradas da Amazônia e de outras obras grandiosas. Esteve às voltas, também, com a rejeição de contas do departamento pelo Tribunal de Contas da União, mas quase todas referiam-se ao período anterior à sua gestão (e que levaram seu antecessor a ser condenado ao pagamento de multa simbólica).*

*Discreto no trato com a imprensa, seu nome esteve em evidência nos jornais em duas ocasiões: quando denunciou a falsificação de 904.888 quitagões da Taza Rodoviária Única, em 76, e quando foi denunciado por um deputado de envolvimento no contrabando de mercadorias avaliadas em 1 milhão de cruzeiros, em maio de 77. Ele negou a acusação.*



Arquivo

Adhemar Ribeiro da Silva

O futuro ministro do Interior, Mário Andreazza, anunciou ontem, no Rio, o nome do próximo presidente da Fundação Nacional do Índio — Funai: o engenheiro Adhemar Ribeiro da Silva, atual diretor-geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — DNER. Segundo Andreazza, a escolha se justifica pelo “grande carinho que o diretor-geral do DNER tem pelos índios”. O ex-ministro dos Transportes ainda qualificou Adhemar Ribeiro da Silva como “homem de cultura” e considerou “viáveis” suas idéias para a criação de uma política indigenista.

“Minha amizade com o Adhemar começou na época da Transamazônica — disse Andreazza. Notava seu interesse pelos problemas dos índios. Permanentemente ele se colocava a favor deles, buscando

soluções para os impasses, vivendo dia-a-dia a vida dos indígenas. Quando fiz o convite, ele que disse que esta seria uma missão sagrada. Isso mostra que ele levará a sério sua nova função. Ele quer encontrar soluções mediante diálogo com os antropólogos, sociólogos, sertanistas e até com indígenas. Com isso, ele me prometeu criar uma política adequada para os índios.”

Andreazza defendeu-se, também, das alegações de alguns conservacionistas temerosos de sua atuação no Ministério do Interior: “Não há motivo para apreensão. Deve-se preservar a Amazônia, e isso será feito. Mas não significa que não se explore os recursos da região com meios não predatórios. Vamos ouvir técnicos e buscar sugestões, até chegar à melhor solução”.

### “Um desconhecido”

Adhemar Ribeiro da Silva, indicado pelo futuro ministro do Interior, Mário Andreazza, para exercer a presidência da Funai, é totalmente desconhecido no meio indígena, na opinião do sertanista Orlando Villas Boas e da antropóloga e professora da USP, Lux Vidal.

“Eu não o conheço e nem sei quem é, Deus queira que seja uma criatura bastante empenhada no problema do índio, que não é fácil de resolver. A nossa trajetória nesse setor é breve e desejo que ele seja feliz na função que exercerá”, afirma Villas Boas, enquanto Lux Vidal, membro da Comissão Pró-Índio, diz que “a escolha de uma pessoa totalmente alheia à causa indígena e sem formação poderá trazer graves consequências”.

Por outro lado, informações transmitidas ontem em Brasília, por funcionários do Conselho Indigenista Missionário — Cimi, informaram que o órgão vai aguardar que o escolhido defina as diretrizes que pretende imprimir à Funai, para se manifestar oficialmente sobre a indicação. Apesar dessa reação cautelosa, observava-se certa frustração pelo fato de que, mais uma vez, o governo decidiu indicar um nome sem tradição de trabalho na área. E o que é pior: um nome ligado à construção de estradas, ou seja, um dos principais problemas enfrentados pelos índios.

O general Ismarth Oliveira, por sua vez, disse apenas que “a Presidência da Fundação não é um emprego, mas uma missão”.